

Departamento de Sociologia

**Iniciativa *Magalhães*: o que mudou nos alunos do 1.º ciclo
do ensino básico?**

Helena Sofia Gomes Calado

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador
Doutor Gustavo Alberto Guerreiro Seabra Leitão Cardoso, Professor Auxiliar com
Agregação
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Fevereiro, 2012

RESUMO

Os computadores e a internet são, hoje em dia, considerados ferramentas fundamentais para o estudo, desempenho de uma profissão e mesmo para o exercício da cidadania nas sociedades contemporâneas. Conscientes desta necessidade estratégica, os governos europeus têm vindo a dotar a escola dos equipamentos e serviços necessários à integração das tecnologias da informação e da comunicação no ensino. A Iniciativa *Magalhães* resulta do protocolo estabelecido entre o Governo Português e a Intel e visa a democratização do acesso às tecnologias de informação, como resposta às necessidades anteriormente identificadas. O presente estudo é uma pequena contribuição na abordagem desta temática e tem por objectivo perceber, dentro do grupo estudado, o impacto desta iniciativa no sistema de aprendizagem, privilegiando uma abordagem directa e a aplicação de um inquérito por questionário, realizado em duas fases.

Na primeira fase, entre os dias 15 e 20 de Março de 2010, o questionário foi aplicado a uma amostragem de 49 alunos de duas turmas do 1.º ciclo do ensino básico (2.º e 4.º anos de escolaridade) do ensino público – Escola Básica Integrada 1,2,3 / JI Vasco da Gama, Parque da Nações, Lisboa. Na segunda fase, que decorreu entre os dias 21 e 25 de Março de 2011, o questionário foi novamente aplicado à mesma amostra, mas no ano lectivo seguinte.

Do ponto de vista do conteúdo, privilegia-se a obtenção de informação sobre os contextos do quotidiano em decorre o uso do computador *Magalhães* e da internet, procura-se compreender os objectivos da sua utilização, bem como analisar a evolução do seu uso no mesmo grupo, mas em espaços temporal e académicos distintos. São ainda considerados os depoimentos acerca desta temática dos professores responsáveis por cada turma.

Palavras-chave: Iniciativa *Magalhães*, ensino básico, internet.

ABSTRACT

Computers and the Internet are now considered basic tools for study and the exercise of citizenship in the contemporary societies. Actually, Internet is undoubtedly very useful on 21st century jobs. The European governments were aware of the great importance of the Internet as a strategic need; therefore, they have come to endow schools with the equipment and services required to the integration of information technologies and communication in the educational system. The *Magalhães* Initiative results of the protocol established between the Portuguese Government and Intel and one of its goals is the democratization of the access to the IT, as a reply to those needs.

This study is a small contribution for understanding this issue and its main purpose is to perspective the impact of *Magalhães* Initiative in the educational system – most precisely in the analysed group – taking a direct approach and applying an inquiry which took place in 2010 and 2011. In the first phase, the survey took place between March 15th and the 20th, using a sample of 49 pupils of two groups of 1st cycle of basic education (2nd and 4th years) in public schools - 2/3 School EB Vasco da Gama, Parque das Nações, Lisbon, Portugal. The second phase of the survey was done with the same group of pupils, one year later, between 21st and 25th of March 2011.

This study focused on the use of the *Magalhães* computer and the Internet, how it occurs and why. Another goal was to analyse the evolution of this use in the same group, but in different academic years and space time. There are also statements about this matter made by teachers who were in charge for each group of students.

Key Word: *Magalhães* Initiative, basic education, Internet.

ÍNDICE

Resumo.....	ii
Abstract	iii
Índice de Figuras.....	v
Introdução	1
Capítulo I. A evolução do Ensino em Portugal	3
Capítulo II. O Espaço Escolar <i>versus</i> Tecnologias	6
2.1. A Criança Tecnológica.....	6
2.2. Diversidade Escolar em Portugal: Abertura aos Meios Tecnológicos	8
2.3. Motivação e Objectivos: Os Meios Tecnológicos na Escola	10
Capítulo III. Metodologia Utilizada.....	12
3.1. Do projecto «Navegando com o Magalhães» á «Iniciativa Magalhães»	12
3.2. A Iniciativa Magalhães: A sua percepção numa escola pública	14
Capítulo IV. Análise e interpretação de dados	17
4.1. Análise do questionário – Caracterização dos indivíduos	17
4.2. Análise do questionário - Utilização	19
4.3. Análise do questionário – Relação directa utilização/resultados académicos	21
4.4. Análise do questionário – Quando e onde navegam?	24
Conclusão	27
Bibliografia.....	31
ANEXO 1 – Folha de Questionário.....	I
Curriculum Vitae.....	II

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 4.1	17
Figura 4.2	17
Figura 4.3	17
Figura 4.4	18
Figura 4.5	19
Figura 4.6	20
Figura 4.7	21
Figura 4.8	22
Figura 4.9	23
Figura 4.10	24
Figura 4.11	25
(Continuação Figura 4.11)	26

INTRODUÇÃO

Tendo sido por inúmeras vezes denominado nos meios de comunicação social como sendo um «projecto/bandeira» de determinado governo, não menos vezes tem sido questionada a sua essência, o seu verdadeiro benefício para os utilizadores. Se os computadores e a internet são, hoje em dia, considerados ferramentas fundamentais para o estudo, o desempenho de uma profissão e mesmo para o exercício da cidadania nas sociedades contemporâneas, não deixa de ser questionável a forma e uso que lhes é atribuído no âmbito desta iniciativa, até porque, conforme poderemos verificar na análise aos questionários, a relevância e mesmo a importância desta ferramenta revela-se não no universo académico, mas na componente social.

O sociólogo Manuel Castells, no primeiro volume da trilogia *Sociedade em Rede - A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* (2007), reporta-nos a um cenário mediado pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação e como estas interferem nas estruturas sociais e, como se poderá verificar no caso apresentado, até mesmo na fase inicial da vida humana. O autor propõe o conceito de «capitalismo informacional», e constrói o seu raciocínio partindo da história do forte desenvolvimento das tecnologias a partir da década de 1970 e seus impactos nos diversos campos das relações humanas. Demonstra ainda como tecnologias, inicialmente impulsionadas pelas pesquisas militares, foram amplamente utilizadas pelo sector financeiro, justamente quando da necessidade de reestruturação do capitalismo.

No âmbito da Iniciativa *Magalhães* surgiu a acção inédita de disponibilização de cerca de 500.000 computadores às crianças do 1.º ao 4.º ano do 1.º Ciclo, numa fase inicial. Na literatura tem-se discutido o impacto desta inovação, especialmente a internet, nas práticas educativas da escola. Parece estabelecer-se um consenso entre certos autores em torno de duas ideias principais: só por si, a internet não constitui um factor de mudança dos processos de ensino-aprendizagem, mas um instrumento necessário às transformações em curso actualmente na escola, à medida que esta se adapta a novas expectativas e necessidades sociais.

A chave da resposta àquela pergunta não está nem na tecnologia nem na pedagogia, mas sim no uso pedagógico da tecnologia. Assim, vale a pena perceber se, neste sistema de ensino em concreto, as novas tecnologias de informação e comunicação constituem apenas um novo objecto, uma outra matéria de ensino, que se vem juntar às tradicionais. Se são encaradas, para além disso, como instrumento transversal ao desenvolvimento de

conhecimentos em todas as áreas do saber. Ou, ainda, como um meio para estimular e motivar os alunos para uma aprendizagem independente ao longo da vida.

Esta dissertação surge como uma contribuição na análise da Iniciativa *Magalhães*, procurando obter respostas para algumas das questões que foram sendo formuladas: qual o objectivo da Iniciativa *Magalhães*? Qual o seu grau de importância e utilização no quotidiano académico? Que impacto terá no futuro dos actuais utilizadores? Que comunicação está a ser desenvolvida? O que é hoje a «realidade» social para as crianças que o utilizam?

Assim, no primeiro e segundo capítulos é contextualizada a Iniciativa *Magalhães* quer na vertente da evolução do ensino em Portugal quer observando o espaço escolar versus as novas tecnologias. No terceiro capítulo é apresentada a metodologia utilizada na concepção e realização deste projecto e no capítulo seguinte é feita a análise e interpretação dos dados recolhidos, procurando-se perscrutar, quer o tipo, quer o local, quer o momento em que a navegação na internet acontece.

CAPÍTULO I. A EVOLUÇÃO DO ENSINO EM PORTUGAL

Para entendermos como se chegou até à Iniciativa *Magalhães* torna-se necessário contextualizar a história da Educação em Portugal. A instrução oficial das primeiras letras era praticamente inexistente em Portugal e só com o Marquês de Pombal irrompe a primeira legislação que tentará extinguir a exclusividade dos Jesuítas no domínio da Educação. Atentaremos, então, a alguns momentos mais marcantes que permitem ter uma ideia da evolução da Educação em Portugal.

Segundo Cristóvão Rodrigues de Oliveira contar-se-iam sete mestres de Gramática (Latim) e 34 que ensinavam os «moços» a ler, sendo que, em 1629, esses mestres de ensinar a ler não iam além de 60. Só a partir de 1820 se assiste, em matéria de legislação, a uma mutação nos objectivos da Educação, embora em termos de desempenho isso não se verificasse, sendo que, até 1958, as carências do ensino em Portugal situavam-se no domínio da alfabetização. A actividade legisladora do Marquês de Pombal seria grande, ainda que alguma de breve duração com a «viragem» de D. Maria I, e muita dela não chegou a ser concretizada. É, entretanto, criado em Portugal o primeiro estabelecimento público, o Colégio dos Nobres, com a categoria oficial de Ensino Secundário ou Liceal, e em que, para além do ensino das «línguas mortas», é introduzido nos planos curriculares o ensino do Inglês, Francês e Italiano, e o estudo dos rudimentos das Ciências Matemáticas, Físicas, Desenho, Arquitectura, Esgrima, Dança e Equitação. O Colégio foi extinto em 1837, instalando-se aí, pouco depois, a Escola Politécnica. O edifício ardeu (a Escola Politécnica teve em Alexandre Herculano um dos seus grandes defensores), sucedendo-lhe um novo edifício onde funcionava a Faculdade de Ciências, que se incendiou também em 1978. O Marquês de Pombal criou também a Aula de Comércio, na qual se podiam matricular rapazes com mais de 14 anos, filhos de comerciantes, que soubessem ler, escrever e contar, sendo que a sua actividade legisladora não ficaria por aqui.

Ao entrar-se no século XX, para lá de todas as possíveis boas intenções, da copiosa legislação, do fundo debate em torno das ideias pedagógicas, adiantadas para a época, para lá de todo o idealismo, a realidade é esta: em 1900, numa população estimada em 5 423 132 habitantes, 4 261 336 eram analfabetos. Com a ditadura militar de 1926 e o fascismo salazarento de quase meio século, a cultura viveu a saque, a Educação foi considerada um mal e um perigo para a «docilidade tradicional» do português, as grandes reformas da República foram extintas, os debates à volta de problemas pedagógicos proibidos, as Associações de Professores praticamente eliminadas, a luta contra o analfabetismo adiada para as calendas, o trabalho docente completamente degradado. Assim, a escolaridade obrigatória sofre uma trágica redução da ordem dos 50 por cento.

Em 1931, são criados os «postos escolares» confiados a regentes com um grau de preparação menos que rudimentar.

A abordagem em matéria de Educação após o 25 de Abril é necessariamente polémica, apesar de já não nos faltar a perspectiva histórica. A Escola abandona os muros e insere-se na Comunidade. Assiste-se a uma fase altamente entusiástica, com a participação directa das populações, ao invés do que acontece hoje com a classe docente cansada, desmotivada, quase sem credibilidade, e acima de tudo com a permanente falta de qualificação específica em áreas tão importantes como as inerentes às Novas Tecnologias, não obstante os últimos esforços que têm vindo a ser desenvolvidos nesta área, tendo como exemplo maior o *Programa e-escola*. O Unificado estabelece uma via única, elimina à partida a desigualdade de oportunidades, no acesso ao Ensino Superior, quando em circunstâncias idênticas, os candidatos oriundos das classes mais desfavorecidas são privilegiados. Grandes conquistas da Educação ficam consignadas na Constituição Portuguesa.

É uma constante da história do ensino em Portugal que um retrocesso no processo político se reflecta imediatamente na educação, em particular no ensino primário e na luta contra o analfabetismo, que, pelas causas que lhe estão na origem, se transforma inevitavelmente numa luta de incontestáveis dimensões políticas. Para lá das críticas que possam ser feitas relativamente à falta de estabilidade, organização e definição correcta de políticas educativas e sua adequação aos tempos modernos, o saldo poderia ser considerado positivo, se os interesses dos Professores e dos Alunos tivessem sido salvaguardados, em prol de uma melhor qualidade de Ensino. A gestão das escolas apresenta-se como democrática, o ensino tenta transparecer um cunho progressista e os professores dispersos por uma vastidão de Sindicatos, dividem-se, mantendo ilusoriamente a aspiração porque lutaram antes do 25 de Abril, e desde a revolução até aos dias de hoje. No entanto, sentem a cada instante e cada vez mais, que os seus mais legítimos direitos estão ameaçados, comprometendo-se assim, o sector mais importante do país, a Educação. A paixão pela Educação, efémera, e virtual, não pode iludir um país, nem comprometer o seu futuro, colocando em causa a dignidade de todos os Portugueses, e a sua qualidade de vida.

A Educação, como sempre, está e continuará na ordem do dia. Como nenhum outro sector reflecte as indecisões políticas, a instabilidade provocada, em suma, a realidade social, reproduzindo deste modo a indelével importância que tem e terá perpetuamente em qualquer Sociedade que pretenda no mínimo ser digna, crescer e evoluir.

A Educação em Portugal depara-se hoje, como em tempos remotos se deparou, com as mesmas dificuldades que obstinadamente teimam em permanecer e se prendem com a

avaliação tanto dos Professores como dos Alunos, o regular funcionamento das aulas, o aproveitamento anual, exames dos alunos, inspecções, ensino particular, e muitos mais.

A falta de professores devidamente qualificados e perfeitamente integrados nas Novas Tecnologias, associada à falta de edifícios escolares minimamente apetrechados e com condições físicas adequadas serão sempre as causas capitais de todas as dificuldades no ensino em Portugal, que se imortalizarão através dos tempos, enquanto não se fizer um forte e verdadeiro investimento.

É com base nos princípios acima referenciados – efectivação de um forte e verdadeiro investimento, nomeadamente na área das novas tecnologias –, que em 2008 foi lançado, pelo Governo de então, o Plano Tecnológico para a Educação, cujo objectivo é «colocar Portugal entre os cinco países europeus mais avançados na modernização tecnológica do ensino».¹

¹ In «Plano Tecnológico Educação», disponível em <http://www.pte.gov.pt/pte/PT/OPTE/index.htm>, consultado pela última vez a 10 de Fevereiro de 2012.

CAPÍTULO II. O ESPAÇO ESCOLAR *VERSUS* TECNOLOGIAS

2.1. A CRIANÇA TECNOLÓGICA

Este trabalho elege como objecto de estudo as práticas e representações infantis sobre a internet, procurando entrelaçar duas áreas de pesquisa emergentes no campo das ciências sociais: aquela que foca a Sociedade da Informação e a que elege a infância. Em contraposição explícita ao paradigma biológico e psicológico que a tomam como um dado natural, a nova sociologia da infância encara-a como uma construção social, fruto do tempo e do espaço. «Childhood is to be understood as a social construct» (Jenks, 1992). Postular a natureza histórica e cultural da infância implica, também, a consideração da heterogeneidade interna das experiências infantis. Variáveis como o sexo, a classe social, a etnia da criança, ou mesmo o seu grupo etário de pertença, introduzem relevo e diferença num cenário desigual. A heterogeneidade das condições da infância revela-se com particular evidência numa sociedade como a portuguesa, caracterizada pela sua modernidade inacabada.

Outro princípio fundador tem que ver com a defesa de que as relações sociais entre as crianças merecem ser estudadas por direito próprio, a partir do seu campo, independentemente da perspectiva que os adultos têm sobre elas. Ligada à anterior, surge a ideia de que a criança deve ser encarada «as a being in the present» e não apenas como «adult in the making» (Harden, 2000), «projecto de ser» (Soares, 1998), «momento precursor» (Sirota, 1998).

Num «tempo de incertezas» em que as formas de vida adulta se flexibilizaram, tanto na família incerta como no mercado dos empregos competitivos e precários do mundo globalizado, é a própria noção de adulto-padrão, como entidade de contornos acabados, que carece de crítica (Lee, 2005). Considerar que as crianças têm uma visão consistente do mundo que as rodeia impõe a prioridade metodológica de lhes dar voz (na investigação) e as considerar informadoras credíveis sobre as suas vidas e os significados que lhes atribuem. São sujeitos competentes de produção de vida social, «actores da sua socialização», «actores de corpo inteiro».

Este estudo dá-lhes justamente esse estatuto, elegendo-as como unidade de análise e recolhendo o seu testemunho de forma directa e não a partir das considerações que sobre ele fazem os adultos por elas responsáveis. Usos e representações da internet são, aqui, explicados pelos seus próprios protagonistas. A inovação tecnológica e o acesso ao ciber-espço (quer na escola, quer em casa) parecem justamente encontrar um terreno fértil de expansão entre as crianças. Vários autores têm sublinhado que estas novas práticas vêm perturbar a clareza da distinção tradicional entre espaço privado/protector e

espaço público/predador (Valentine et. al., 2004), bem como problematizar a relação educativa tradicional entre a criança (que parece exibir poderosas formas de literacia sobre os *media*) e o adulto (pai, professor, que parece incapaz de as dominar com semelhante mestria) (Renaut, 2002).

A própria situação de a criança se poder tornar, através do acesso às novas ferramentas, um comunicador autónomo (na rede de pares, no ciber-espaço) ou mesmo um produtor cultural por direito próprio traz desafios novos a esta relação. Outros autores, ainda, insistem na importância que estas novas tecnologias podem assumir na pedagogização do quotidiano familiar de franjas das classes médias, todo ele centrado numa aposta, cada vez mais precoce e duradoura, no sucesso escolar das crianças. Através dos *media* digitais, conseguem transformar-se, no espaço doméstico, actividades lúdicas e sociais das crianças em tarefas úteis do ponto de vista educativo (Buckingham, 2007). Aos interesses dos pais juntam-se os de uma indústria que vê na procura familiar deste mercado de bens e serviços uma oportunidade única de expansão e de lucro. As crianças e a sua relação com a internet têm, portanto, constituído tema de particular interesse para estudos efectuados nos últimos anos (Normand Souza, 2000; Lenhart *et al.*, 2001; Bevort e Bréda, 2001; Livingstone, 2005 e 2006; Clark, 2001, Sigalés *et al.*, 2007; Piétte *et al.*, 2007), nomeadamente no âmbito da articulação entre o uso da internet e a vida familiar e quotidiana, as sociabilidades infanto-juvenis, os processos de aprendizagem na escola, as oportunidades e os riscos associados à navegação.

Por último, e na esteira de B. Lahire, é importante encarar a criança como actor plural, produto de uma socialização em contextos sociais múltiplos, através da qual incorpora uma multiplicidade mais ou menos durável e intensa de esquemas de acção que se organizam em tantos reportórios quanto os contextos sociais que aprende a distinguir através das suas experiências anteriores. É na complexidade e «pluralidade disposicional» deste actor que se encontra o caminho para a renovação teórica (Lahire, 2001). O desafio torna-se, então, o de focar o olhar nos mesmos indivíduos (as crianças) que atravessam uma pluralidade de cenas e contextos diferentes, entre a escola e a família. A pretexto, no caso deste trabalho, dos usos e representações da Iniciativa *Magalhães*.

2.2. DIVERSIDADE ESCOLAR EM PORTUGAL: ABERTURA AOS MEIOS TECNOLÓGICOS

Comparativamente a outros países europeus, Portugal entra tarde na modernidade, mas quando o faz manifesta-o em mudança rápida e intensa: a Iniciativa *Magalhães* é o exemplo prático desta realidade. No entanto, esta nem sempre significa um corte abrupto entre o passado e o presente: traços do passado são transportados para o presente e reconfigurados em arranjos híbridos. As crianças portuguesas podem viver, assim, experiências de infância díspares: entre aquelas cujo quotidiano decorre em contextos de pré-modernidade (marcados pela exclusão, pobreza) e as franjas pós-modernas (construtoras e participantes activas, por exemplo, da Sociedade da Informação) e as típicas crianças - aluno da modernidade escolar (Almeida e Vieira, 2006).

Em Portugal, a questão continua escassamente estudada, notando-se que desponta em alguns trabalhos académicos (na área da Educação) que se baseiam, porém, em amostras não representativas e subnacionais (Ponte e Vieira, 2007). Assinale-se, em particular, o estudo de P. Abrantes realizado em 2001 (Abrantes, 2002), aliás, anos antes do processo de massificação das Tecnologias da Informação e Comunicação entretanto ocorrido; outro de âmbito muito circunscrito (Reia-Baptista *et al.*, 2006); e ainda a integração de uma equipa portuguesa no projecto europeu *EU Kids Online*, que se traduziu num promissor contributo (em reflexão teórica e recolha de evidência empírica) em torno da análise comparativa de oportunidades e riscos experimentados pelas crianças na internet em contexto europeu (Livingstone *et. al.*: 2008).

A propósito de alguns dos trabalhos em voga, D. Buckingham (2006, 2007) alerta para o perigo de visões «essencialistas», «deterministas» e «unidimensionais» sobre o papel destas novas tecnologias: ora, em tom pessimista, como causadoras da «morte da infância», da dependência da máquina, dos valores culturais e humanistas, dos laços sociais vinculativos; ora, em tom optimista, como criadoras de uma jovem «geração tecnológica», naturalmente caracterizada por um «passionate love affair with computers», que através deles se liberta das antigas formas reprodutoras de ensino. Os computadores e a internet parecem proporcionar, na óptica de outros, um contraste entre a «geração TV» e a «geração digital» (Tapscott *in* Buckingham, 2007).

Os dois *media* produziriam atitudes infantis opostas: o primeiro gera passividade, conformismo, apatia; o outro favorece a pró-actividade, revela-se intelectualmente estimulante e criativo. Contudo, Buckingham assinala as limitações deste determinismo tecnológico que surge como uma força natural e autónoma que actua de fora para dentro das relações sociais existentes. Estas perspectivas negligenciam, afinal, os contextos sociais em que as novas tecnologias são usadas, esquecem diferenças relevantes

(rapazes/raparigas, ricos/pobres) no seio da mesma sociedade ou entre sociedades distintas. O conhecimento da sociedade portuguesa nesta matéria e a comparação com os seus parceiros internacionais aconselham vivamente a replicação em Portugal de estudos similares.

2.3. MOTIVAÇÃO E OBJECTIVOS: OS MEIOS TECNOLÓGICOS NA ESCOLA

No que se refere especificamente à utilização educativa da internet, e no âmbito desta dissertação, a sua utilização em ambiente escolar, devido às suas características específicas enquanto meio de comunicação, permite não uma «revolução», como muitas vezes se anuncia, mas a ampliação e o aprofundamento de cada uma das possibilidades educativas já permitidas, há muito, por meios como a rádio ou a televisão.

Pretende-se com esta pequena contribuição demonstrar que a internet pode ser utilizada como fonte de informação, dada a sua natureza digital, interactiva e colaborativa, e que tem vindo a ser vista, praticamente desde os seus inícios, como uma espécie de «biblioteca universal», em que podemos encontrar tudo o que queremos, desde a informação mais generalista à informação mais especializada; pode também ser utilizada como um recurso pedagógico-didáctico, mediante um computador e um projector vídeo: a exposição do professor ou dos alunos pode apoiar-se nos vários recursos disponíveis na internet – textos, gráficos, fotografias, vídeos, etc., seja de forma directa e imediata, em tempo real, seja de forma indirecta e mediata, depois de os submeter a um determinado tratamento.

Ambiciona-se através da Iniciativa *Magalhães* que a internet seja também um instrumento de materialização de projectos, seja a nível de turma seja a nível de escola, para dar corpo a projectos digitais como um jornal, uma rádio ou uma televisão escolares, para construir uma página de internet, criar um blogue, etc.. Projectos deste tipo são uma excelente forma de motivar os alunos e de os levar a desenvolver a sociabilidade e a capacidade de trabalhar em grupo, aprender de forma autónoma e a aprofundar o conhecimento do meio envolvente.

Sendo esta uma temática que na actualidade tem suscitado o interesse enquanto objecto de estudo e de análise por parte de docentes e investigadores, têm vindo a ser publicados recentemente artigos de opinião e estudos mais abrangentes. Uma vez que o programa foi suspenso pelo actual Governo, esse interesse expandiu-se junto de todos aqueles que estão associados a esta temática, com o objectivo primordial de perceber o impacto que esta iniciativa teve e que repercussões se seguirão.

Nesta perspectiva, destaca-se o trabalho que está a ser desenvolvido na Universidade do Minho, coordenado por Sara Pereira, acompanhada pela equipa de investigação composta por Luís Pereira e Helena Sousa, denominado «Navegando com o “Magalhães”: Estudo sobre o impacto dos *media* digitais nas crianças».

No sítio do projecto² podemos acompanhar em tempo real o que os seus autores definiram como missão / objectivo: «Com este projecto de investigação pretendemos desenvolver um estudo aprofundado relativamente ao impacto da recente medida "e-escolinha" do Governo português. Esta iniciativa dá a oportunidade a todos os alunos do 1.º ciclo de adquirirem um computador portátil. Tendo em conta o grande impacto desta iniciativa ao nível social, cultural, económico e educativo, considerou-se essencial levar a cabo um estudo que acompanhe e analise a implementação e desenvolvimento desta medida.»

² Disponível em <http://www.lasics.uminho.pt/navmag>, consultado pela última vez a 10 de Fevereiro de 2012.

CAPÍTULO III. METODOLOGIA UTILIZADA

3.1. DO PROJECTO «NAVEGANDO COM O MAGALHÃES» Á «INICIATIVA MAGALHÃES»

As políticas do programa e, sobretudo, os usos e práticas que as crianças fazem do computador portátil e dos recursos que lhe estão subjacentes, como a internet, tanto na escola como fora desta, constituem o principal enfoque deste projecto. É essencial para compreender a perspectiva das crianças, professores e pais acerca do seu potencial e também dos desafios.

Para cumprir os objectivos mencionados, recorreremos a diferentes metodologias de investigação - análise documental, questionários administrados às crianças e dois estudos de caso aplicados em escolas do 1.º ciclo para uma compreensão em profundidade relativamente aos usos (e não usos) dos *media* digitais.

O projecto «Navegando com o “Magalhães”»: Estudo sobre o impacto dos *media* digitais nas crianças» encontra-se em desenvolvimento no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. As políticas do programa e, sobretudo, a utilização que as crianças fazem do computador e dos recursos que lhe estão subjacentes, tanto na escola como fora desta, constituem o principal enfoque deste estudo. A realização desta pesquisa pretende ainda verificar se esta medida contempla princípios e objectivos de literacia mediática, tal como são preconizados pela Comissão Europeia, ou se tem como orientação principal apenas garantir o acesso à tecnologia. Estes objectivos serão concretizados através de metodologias qualitativas e quantitativas. Pesquisa e análise documental, entrevistas semi-estruturadas a actores-chave implicados na criação e desenvolvimento da medida, questionários às crianças e professores e *focus groups* com pais, são os métodos de pesquisa que o projecto terá por base para a recolha de dados. Até ao momento, foi feita a recolha e análise das notícias publicadas nas versões *online* dos jornais *Público*, *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã* no período compreendido entre Junho de 2008 (momento de lançamento da iniciativa) e Junho de 2010. Foram também analisadas as primeiras páginas das versões impressas dos referidos jornais no mesmo período temporal. Tendo como pressuposto a importância que os *media* assumem na formação da opinião pública, considerou-se fundamental analisar o modo como os media, neste caso a imprensa, apresentaram o programa governamental à sociedade portuguesa. Além do levantamento na imprensa, foram também recolhidos, no âmbito da pesquisa documental, um número significativo de documentos, provenientes de organismos oficiais, de empresas ou de associações, que permitirão compreender a origem, concepção e implementação desta medida. Será também foco desta análise as políticas subjacentes à iniciativa *e-escolinha*.

Tratando-se de uma política pública, pretende-se conhecer os princípios que a nortearam e, eventualmente, dimensões que não foram contempladas. Esta análise, actualmente em curso, é suportada pelo programa Nvivo³ e será completada e complementada por dados provenientes de uma bateria de entrevistas que estão a ser realizadas a actores do campo político e partidário, do mundo empresarial, de associações educativas e civis. A informação proveniente destes métodos de pesquisa irá permitir constituir um quadro analítico das políticas que orientaram o programa *e-escolinha* e *Magalhães*. Para conhecer os usos e o impacto do computador *Magalhães* pelas crianças, dentro e fora da escola, e a sua relação com as práticas mediáticas dos mais novos, será aplicado um questionário às turmas do 4.º ano das escolas do 1.º ciclo do concelho de Braga, o que implicará 2000 crianças, aproximadamente. Os professores serão auscultados pelo mesmo método, enquanto os pais, como referido anteriormente, serão escutados através de grupos de foco. Serão ainda realizados dois estudos de caso em duas escolas, uma que utilize e outra que não utilize o *Magalhães*. Procurar-se-á conhecer vantagens e oportunidades, bem como eventuais dificuldades e entraves. Na conclusão deste estudo pretende-se, com o contributo dos resultados alcançados nas suas diferentes etapas, proporcionar um quadro com indicadores de promoção de literacia dos *media*. O projecto e seus resultados podem ser acompanhados através do sítio mencionado anteriormente.

Sendo que os princípios base de ambos os trabalhos são em alguns aspectos semelhantes, a dimensão e metodologia de cada um deles são, entre outros, factores de diferenciação no momento concepção do estudo e da análise dos resultados.

Como referi anteriormente, a dissertação aqui defendida constitui apenas um pequeno contributo para a abordagem e estudo desta temática, não tendo quaisquer pretensões de se tornar num artigo extensível a toda a realidade nacional. Ao analisar especificamente turmas de uma escola localizada no concelho de Lisboa, espaço urbano por excelência, pretende-se apenas compreender como as crianças de um meio socio-cultural específico encaram esta tecnologia – computador *Magalhães* - e que utilização particular dela fazem.

³ NVivo é o software que trabalha com documentos do Word, documentos PDF e materiais audiovisuais, e que é detentor de uma gama de ferramentas que permitem uma análise profunda e flexível. O seu software de Pesquisa Qualitativa ajuda as utilizadores a gerir, formar e organizar as informações não estruturadas.

3.2. A INICIATIVA MAGALHÃES: A SUA PERCEÇÃO NUMA ESCOLA PÚBLICA

No sítio do projecto *e.escola*, os seus objectivos são enunciados do seguinte modo: «Missão do projecto: O Programa *e.escola* visa promover o acesso à Sociedade da Informação e fomentar a info-inclusão, através da disponibilização de computadores portáteis e ligações à internet de banda larga, em condições vantajosas.»⁴

Considerando a História da Educação em Portugal já aqui abordada, a implementação do programa *e.escola* (onde se insere a iniciativa *e-escolinha*, objecto de análise), não podemos deixar de considerar este como um passo arrojado e ambicioso em direcção a uma Educação mais próxima das suas congéneres europeias mais desenvolvidas nesta área. Mas, mais uma vez, como no passado, as questões políticas não se desassociaram da Educação e, aquele que poderia ter sido um recurso educativo, tornou-se, provavelmente, numa oportunidade perdida ou adiada.

É no âmbito da iniciativa *e-escolinha* que surge o *Magalhães*, um computador portátil especialmente concebido para crianças dos seis aos onze anos, resistente ao choque e à água. Trata-se do *classmate* PC, desenvolvido pela Intel e adaptado de forma a ser comercializado noutros países. O computador, montado em Portugal, foi baptizado como *Magalhães*, em homenagem ao navegador português Fernão de Magalhães que deu a volta ao mundo no século XVI. A ideia, paralelamente ao nome do computador, é ajudar os mais novos a «navegarem» no «oceano» do conhecimento. Atendendo ao impacto na sociedade portuguesa da iniciativa *e-escolinha*, em particular do computador *Magalhães*, e das repercussões que se previa que esta medida viesse a ter nos mundos das crianças, nomeadamente no escolar e no familiar, considerou-se importante desenhar um pequeno projecto de investigação que acompanhasse esta medida e avaliasse o seu impacto no quadro dos usos dos meios digitais pelas crianças.

Tendo o corrente projecto de investigação como um dos seus objectivos a percepção da missão desta iniciativa transmitida à sociedade, optou-se por, através de um questionário directo, procurar no terreno respostas às questões que se tornaram mais pertinentes: será que este programa está a cumprir a missão a que se propôs? Quais os reais benefícios que oferece às crianças de hoje, adultos no futuro?

Partindo da formulação destas e de outras questões, foi escolhida a Escola Básica Integrada 1,2,3 / JI Vasco da Gama, sita no Parque das Nações - Expo, em Lisboa. A razão pela qual a escolha do objecto de investigação deste projecto ter recaído especificamente sobre esta Instituição Pública, deveu-se a um conjunto de factores que, presumivelmente,

⁴ Disponível em <http://www.eescola.pt/>, consultado pela última vez a 10 de Fevereiro de 2012.

permitiriam obter as respostas necessárias para que o resultado final fosse pautado de sucesso. Nomeadamente, a Escola Vasco da Gama está geograficamente situada numa zona de Lisboa construída a partir de 1998 e concebida para ser uma «cidade dentro da própria cidade». Dotada de infra-estruturas que permitiriam aos novos moradores a autonomia dentro do próprio bairro, e com uma localização (frente ribeirinha do rio Tejo) e acessos de excelência, o valor dos imóveis que ali foram sendo erguidos revelou-se bastante elevado, o que deu origem a uma selectividade «natural» dos habitantes desta zona. Ou seja, os agregados familiares residentes nesta área serão tendencialmente membros de uma classe sócio-económica de rendimentos elevados, e potencialmente, de educação superior.

No entanto, e, se por um lado a construção dos edifícios foi feita a um ritmo desenfreado, já as «prometidas» infra-estruturas básicas não surgiram ao mesmo ritmo. No caso específico da Educação, a Escola Vasco da Gama foi inaugurada em 1999 tornando-se no único estabelecimento de ensino público de todo o novo bairro. A sua sobrelotação foi sempre objecto de contestação por parte dos quase cerca de 50 mil residentes da actual freguesia do Parque das Nações e, só passados 11 anos é que foi inaugurada a segunda escola pública que, desta forma, veio minimizar os efeitos nefastos que uma única escola e em situação de sobrelotação produz na qualidade do ensino.

Como referido anteriormente, a selectividade «natural» dos habitantes deste bairro, consequência do elevado valor dos imóveis ali situados, contribuiu para que a escolha recaísse nesta escola; a classe social ali predominante (A/B) facultaria a que todos os inquiridos no âmbito deste estudo estivessem dotados do computador *Magalhães* (ou um equipamento com as mesmas características), permitindo desta forma realizar o questionário no terreno, já que todas as questões foram colocadas partindo do pressuposto que todos os participantes estariam dotados deste equipamento ou o estudo não faria qualquer sentido.

Embora considerando que seria academicamente interessante realizar, à semelhança do que já está a ser feito na Universidade do Minho – como foi referido anteriormente –, estudos em ambientes escolares diversificados e que permitem obter e analisar os impactos da iniciativa *e-escolinha* sobre outras perspectivas, esta dissertação não foi construída com essa pretensão, sendo o nosso grupo de estudo bastante mais restrito. Esta opção, poderia, numa primeira análise, transmitir a ideia de ausência de relevância na realização deste trabalho mas, se a este pequeno projecto adicionarmos outros pequenos projectos realizados por todo o país, iremos, provavelmente, obter resultados relevantes para o estudo da matéria em questão. E é essa a ambição enquanto autora: uma pequena

participação naquela que será decerto uma das temáticas academicamente bastante apelativa a estudos e análises durante os próximos anos.

Assim sendo, considerando o raciocínio anteriormente descrito relativamente à selecção do estabelecimento de ensino objecto do nosso estudo – e também como consequência de uma estratégia de *marketing* bem-sucedida –, dos 49 alunos questionados na primeira fase, apenas três do 4.º ano (dois do sexo masculino e um feminino) e dos 47 alunos questionados na segunda fase, cinco do 5.º ano (três do sexo masculino e dois feminino) afirmaram não possuir especificamente o computador Magalhães, mas afirmam ser detentores de outro equipamento com as mesmas características.

Deste modo, no próximo capítulo iremos analisar detalhadamente as respostas obtidas, estabelecendo uma comparação entre as respostas dos mesmos alunos mas em anos académicos e faixas etárias distintas.

CAPÍTULO IV. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

4.1. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO – CARACTERIZAÇÃO DOS INDIVÍDUOS

Nos diferentes períodos em análise, a divisão por sexo e idades é a seguinte.

Caracterização dos alunos da turma do 2.º ano em 2010 (27 alunos)

Idade		
Sexo	M	F
6 anos	1	0
7 anos	10	6
8 anos	7	3

Figura 4.1

Caracterização dos alunos da turma do 3.º ano em 2011 (25 alunos)

Idade		
Sexo	M	F
7 anos	1	0
8 anos	9	6
9 anos	7	2

Figura 4.2

Como se pode verificar, no primeiro grupo analisado, em ambos os períodos, o número de alunos do sexo masculino é claramente superior ao do sexo feminino e o número total de alunos, assim como a sua divisão etária mantêm-se praticamente inalterados.

Caracterização dos alunos da turma do 4.º ano em 2010 (22 alunos)

Idade		
Sexo	M	F
9 anos	3	7
10 anos	6	6

Figura 4.3

Caracterização dos alunos da turma do 5.º ano em 2011 (22 alunos)

Idade		
Sexo	M	F
9 anos	1	0
10 anos	5	6
11 anos	6	3
12 anos	0	1

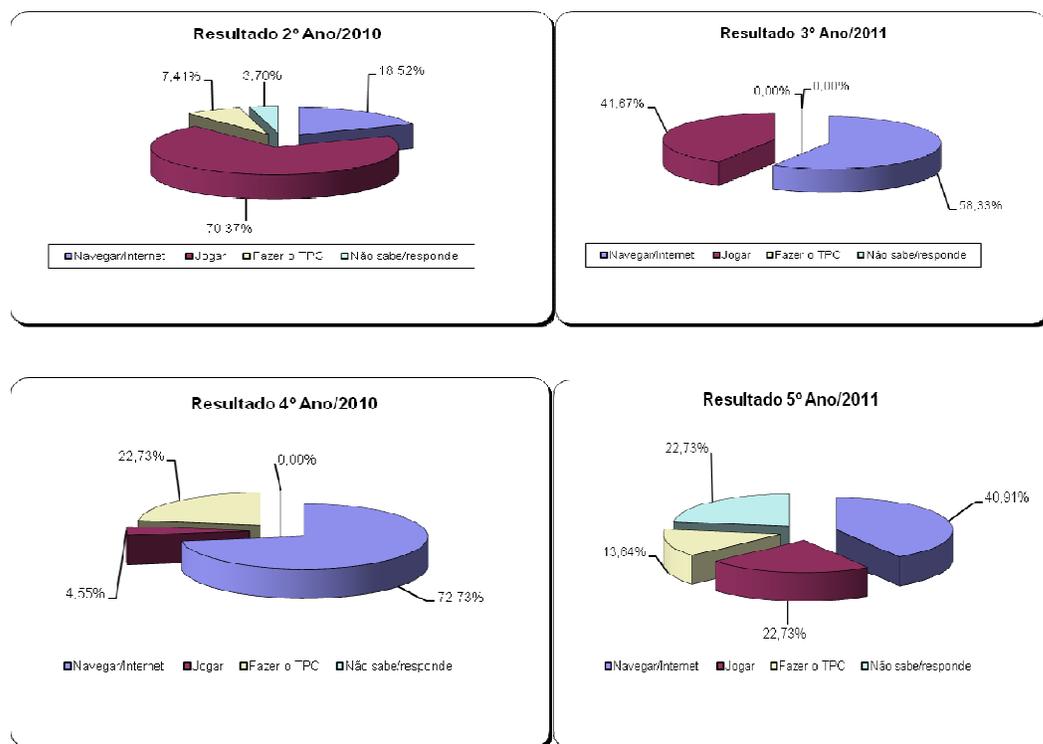
Figura 4.4

Contudo, no segundo grupo a que o inquérito foi aplicado, embora o número total de alunos se mantenha, a sua divisão etária alarga-se. Ainda assim, a separação por sexos é mais equitativa, comparativamente ao primeiro grupo.

4.2. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO - UTILIZAÇÃO

Após a caracterização dos indivíduos respondentes, a segunda parte do questionário foi dividida em questões que focam quer a vertente educacional, quer a vertente lúdica da utilização do *Magalhães*. Assim, quando questionados, enquanto utilizadores, qual o principal fim do recurso ao computador, as respostas foram unânimes em ambas as turmas: a vertente lúdica prevalece sobre a académica. Na Figura 4.5 podemos observar a evolução entre a utilização preferencial para a navegação na internet em detrimento dos jogos na transição dos alunos do 2.º para o 3.º ano. Eventualmente, este resultado é uma consequência directa da também evolução da faixa etária dos mesmos indivíduos: o aumento da familiarização na utilização do objecto e a curiosidade inata a estas faixas etárias levam-nos a estes resultados.

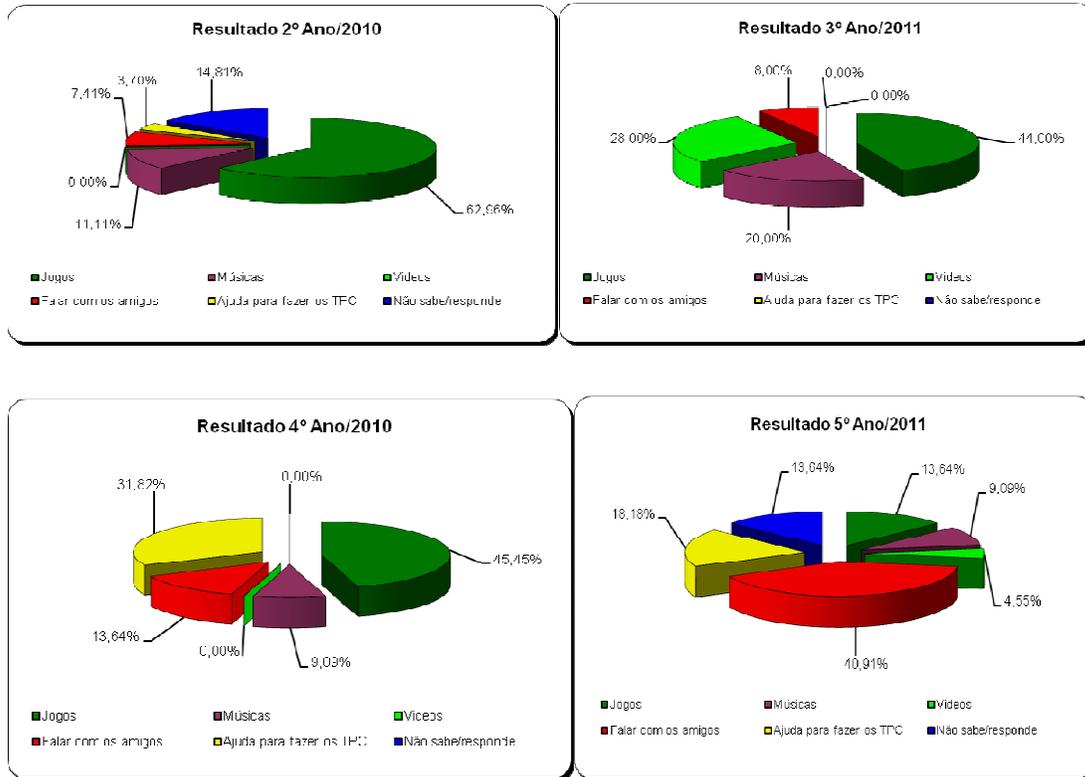
Figura 4.5



Segmentando o estilo de navegação na internet, questionaram-se os participantes relativamente aos objectivos dessa pesquisa (Figura 4.6). Mais uma vez, e coincidente a ambos os perfis e faixas etárias, a resposta «procuro jogos», foi a mais consensual. De realçar ainda que, no universo dos alunos do 4.º/5.º ano verificou-se um decréscimo na opção «procuro ajuda para fazer os trabalhos escolares» e um aumento na opção «falar

com os amigos», o que revela a descoberta, por parte dos inquiridos, do computador como meio de comunicação entre indivíduos.

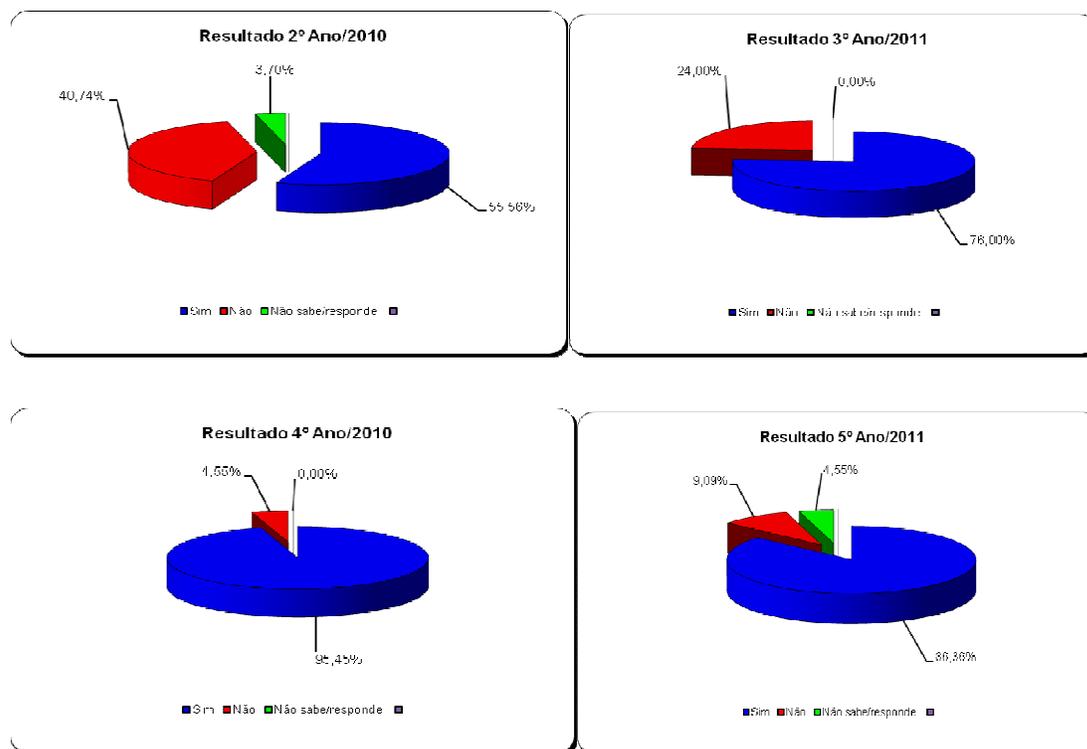
Figura 4.6



4.3. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO – RELAÇÃO DIRECTA UTILIZAÇÃO/RESULTADOS ACADÉMICOS

A relação internet/escola/resultados académicos foi ainda um pouco mais aprofundada numa tentativa de perceber a importância da navegação no mundo virtual enquanto ferramenta de apoio ao desempenho da actividade académica (Figura 4.7). Assim, foi colocada a questão, se em algum momento já tinham recorrido à internet como suporte de estudo ou de realização de trabalhos escolares. Neste ponto, os alunos do 2.º ano em 2010 não foram um grupo coerente ao nível da frequência de utilização, o que nos leva a estabelecer uma relação directa com a faixa etária em questão (dos seis aos oito anos). Já no ano lectivo seguinte, com os mesmos alunos, verificou-se que uma ligeira evolução na perspectiva da utilização enquanto ferramenta de trabalho, reflexo do aumento da maturidade. Por outro lado, os alunos do 4.º ano assumem maioritariamente que a internet é tida como uma ferramenta de apoio na relação quotidiana com o ambiente escolar, não se verificando oscilações significativas nos resultados dos diferentes anos lectivos.

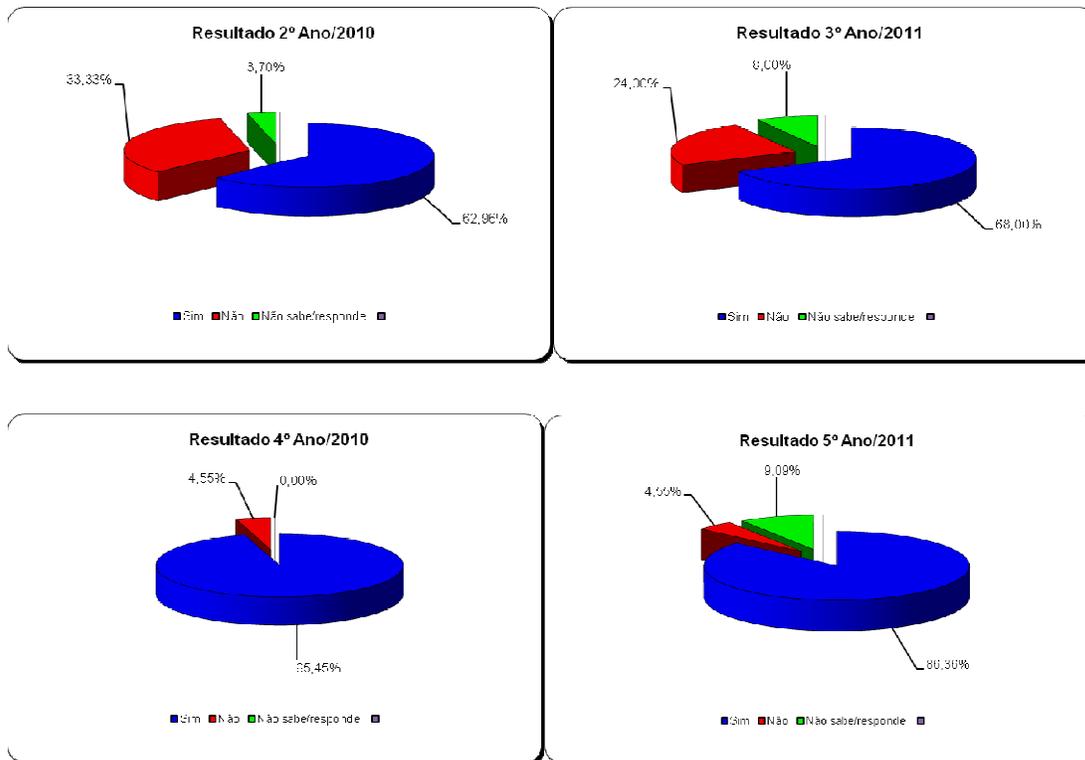
Figura 4.7



Sequencialmente, e a todas as respostas positivas, foi ainda questionado se poderiam considerar esta relação como um elemento facilitador/válido no desempenho das

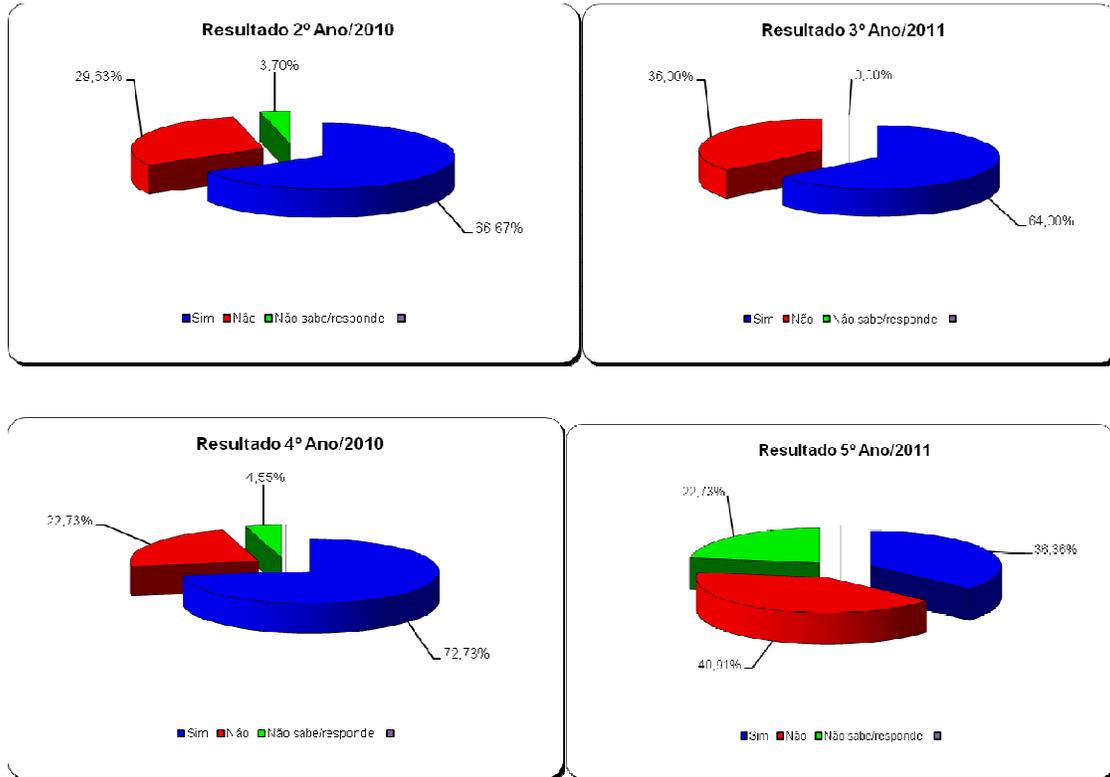
suas tarefas (Figura 4.8); ambas as turmas e em todos os anos consideraram a internet como um factor crítico para atingir o sucesso individual.

Figura 4.8



Se para os alunos existe a percepção de que a utilização do *Magalhães* e a navegação na internet auxilia e facilita os estudos, questiona-se a este ponto se em termos de resultados práticos e finais se essa percepção se torna em realidade (Figura 4.9). Interrogados quanto às classificações obtidas após se tornarem participantes activos da Iniciativa *Magalhães*, a maioria dos alunos considera que esta contribuiu para alcançar um resultado positivo, embora o intervalo entre as respostas positivas e negativas não seja tão díspar como eventualmente seria expectável.

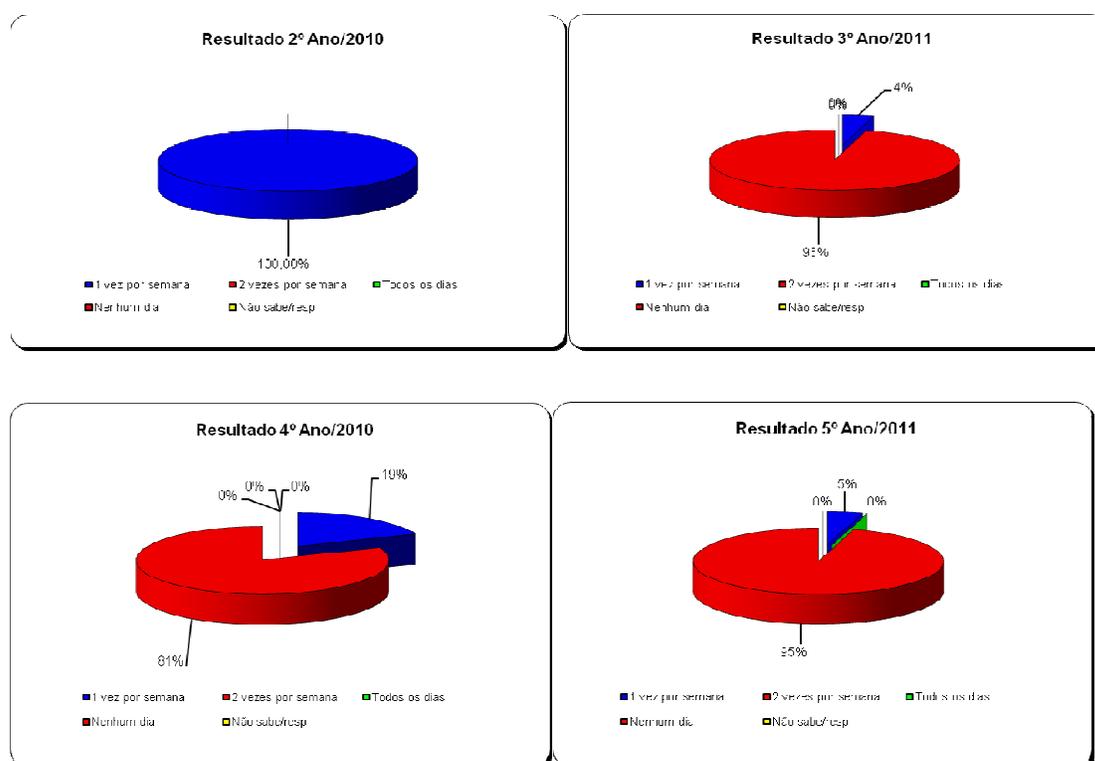
Figura 4.9



4.4. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO – QUANDO E ONDE NAVEGAM?

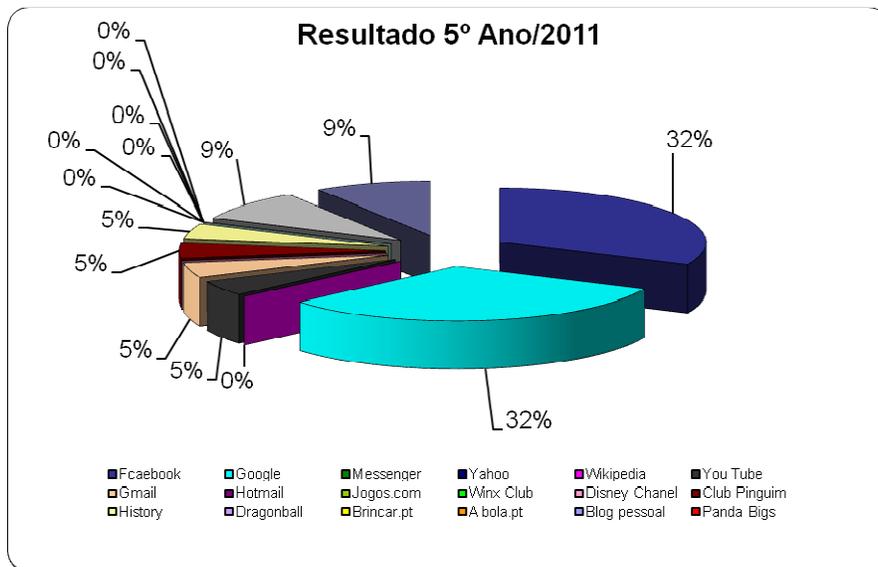
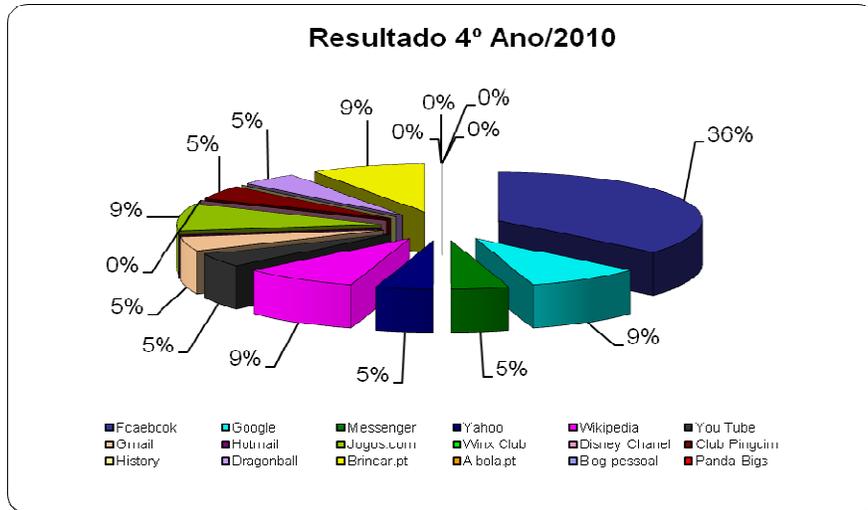
Em que medida a utilização do *Magalhães* em ambiente escolar contribui para estes resultados? Esta não deixa de ser uma questão pertinente se se considerar o período de utilização no recinto escolar que o programa determina: para os alunos do 2.º ano, a sala de aula recebe uma vez por semana a visita destes equipamentos, enquanto para os alunos do 4.º ano, esta situação repete-se duas vezes por semana (Figura 4.10). Já nos alunos do 5.º ano, em nenhum dia da semana o equipamento é requerido pelos docentes como ferramenta de trabalho na sala de aula.

Figura 4.10



Esta última abordagem remete-nos para uma hipotética utilização mais frequente nos seus lares. Esta afirmação assume um cariz mais próximo da realidade se atentarmos aos sítios na internet mais visitados pelos alunos (Figura 4.11), preferencialmente lúdicos, com especial enfoque para as redes sociais, sítio preferencial de navegação numa perspectiva transversal a todos os participantes. Contudo, como Ana Francisca Monteiro e António José Osório, investigadores da Universidade do Minho fazem questão de salientar, o facto de a utilização da internet, por parte das crianças, ser maioritariamente de natureza lúdica, não inviabiliza a aprendizagem de determinadas competências que poderão vir a

(Continuação Figura 4.12)



CONCLUSÃO

Após a análise do inquérito aplicado no decorrer desta dissertação, podemos concluir que a introdução das novas tecnologias de informação e comunicação no quotidiano das crianças é um facto incontornável.

Os resultados do questionário ilustram um acesso universal ao computador com ligação à internet, o que de certa forma, vai ao encontro da missão definida na concepção do programa *e.escola* onde se insere a Iniciativa *Magalhães*. Até à presente data, estima-se que o número de equipamentos distribuídos alcance as 700 mil unidades.

Efectivamente, a inclusão do computador *Magalhães* no 1.º ciclo do ensino básico, que teve início no ano lectivo 2008/2009, constituiu uma das bandeiras políticas do Plano Tecnológico da Educação dos XVII e XVIII Governos Constitucionais que deixou poucos indiferentes. Suspensa a medida, com a chegada de um novo governo, os espíritos parecem ter-se aquietado, a avaliar pela escassez de notícias e de comentários na comunicação social. Há, contudo, uma avaliação que está por fazer e, sem ter tido a pretensão de concretizá-la neste espaço, ficaram aqui registadas, ainda assim, algumas notas para futura pesquisa e reflexão.

Contrariamente a muitas das políticas e iniciativas de incentivo ao uso das novas tecnologias na educação, circunscritas ao espaço escolar, esta medida teve a particularidade de amplificar a sua intervenção, abarcando simultaneamente os contextos escolar e familiar, através da distribuição de computadores portáteis às famílias, com o objectivo de promover o seu uso tanto na escola como em casa, desde o início da escolaridade. No entanto, e se considerarmos a perspectiva das crianças, os usos da internet no processo de ensino-aprendizagem ficam bem aquém do retrato desenhado pelas estatísticas oficiais. No campo educativo, é notória a pouca utilização da internet na sala de aula, na relação com a escola ou com os professores. Nas faixas etárias mais jovens, a internet é utilizada como complemento ou enriquecimento de tarefas e de trabalhos escolares que, antes, se faziam sem ela, enquanto nas faixas etárias acima dos 9 anos essa vertente é praticamente nula, sendo notória a existência de um fosso entre o que é a realidade da utilização do computador *Magalhães* em casa, bastante mais abrangente, e a realidade da sua utilização na escola, muito circunscrita. O trabalho quotidiano nas salas de aula parece não ter sofrido o impacto significativo da distribuição dos portáteis aos alunos, na medida em que estes são usados apenas pontualmente, enquadrada em objectivos pré-definidos, com restrições de tempo. A exploração a céu aberto, o deambular nómada e sem horário entre sítios e conteúdos, o ensaio experimental de novas competências ou funcionalidades podem certamente em alguns casos ocorrer na escola, mas sobretudo fora das aulas. Estas actividades concentram-se, por excelência, no

espaço extra-escolar. A casa é, assim, um lugar estratégico de aprendizagens – onde a internet constitui não só um recurso educativo, mas também informativo, lúdico e comunicacional.

Desta forma, uma das potenciais vantagens desta medida prende-se com a inclusão digital das crianças dos grupos sociais mais desfavorecidos. Certamente, o programa *e-escolinha* parece ter tido um efeito de democratização no acesso às novas tecnologias. Antes do início do programa, a relação alunos/computador, no 1.º ciclo do ensino básico público do Continente, registava valores que inviabilizavam a plena integração do computador no trabalho quotidiano dos alunos na sala de aula: 26,7 por cento em 2001/2002 e 11,4 por cento em 2007/2008. Com a distribuição do portátil em 2008/2009, o valor passa para 1,1 por cento e no ano seguinte para 1,0 por cento, permitindo o uso individualizado de computadores nas actividades lectivas⁵. A percentagem de crianças para quem o portátil constituiu a primeira oportunidade de acesso a computadores foi aumentando à medida que se descia na pirâmide social.

Mas será que esta democratização de acesso se está a traduzir numa verdadeira democratização de usos das novas tecnologias com efeito nas aprendizagens escolares? As desigualdades sociais e as relações de poder subjacentes à integração das Tecnologias da Informação e da Comunicação em múltiplos sectores sociais, designadas na literatura anglo-saxónica por «*digital divide*» e na literatura portuguesa como «info-exclusão», divisão digital ou fosso digital, têm sido, precisamente, salientadas como um dos principais desafios que se colocam à Sociedade da Informação. Se num primeiro momento o que parecia estar em causa era a clivagem entre os que têm e os que não têm acesso a estas tecnologias, nos últimos anos o conceito alargou-se, abarcando outras formas de clivagem relativas às competências, usos e efeitos.

Daí surge a urgência de a escola repensar o lugar e o estatuto da Iniciativa *Magalhães* no sistema de ensino-aprendizagem, de modo a elevar o grau de utilização no espaço escolar: «The locus of inequality is shifting from technology access (haves and have-nots) to quality use (as assessed by time use, skills and range of on-line activities)» (Livingstone et al., 2005). No entanto, e noutra perspectiva, é interessante sublinharmos o pesado investimento da maioria dos pais na aquisição de equipamentos que dotem em casa os filhos de múltiplos instrumentos educativos (mesmo se depois as crianças os aproveitem para se divertir, comunicar e interagir com os pares). O facto de a totalidade dos inquiridos estar dotado de equipamento com ligação à internet, deixa transparecer a

⁵ Dados disponíveis no GEPE (Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação), Educação em números – Portugal 2011, em <http://www.gepe.min-edu.pt>, consultado pela última vez a 10 de Fevereiro de 2012.

mobilização educativa das famílias em torno do sucesso escolar, parcialmente associado pelos adultos ao domínio destas novas máquinas: os pais compram computadores, pagam a ligação à internet, acham muito importante os filhos saberem navegar, como se um pilar de base à construção de um futuro profissional bem sucedido se tratasse. E não será afinal, disso mesmo que se trata? Um estudo conduzido a nível nacional mostrou que é nas famílias mais escolarizadas e das fracções de classe mais privilegiadas que é notório um uso mais educacional, moldado pelos pais. A mediação parental é, deste modo, fundamental para orientar os filhos para um uso das tecnologias escolarmente mais rentável, embora essa mediação seja condicionada pela condição social⁶.

O que parece particularmente interessante assinalar é que quando o uso educacional se estende a diversos grupos sociais esse pode ser igualmente proveitoso. Análises de âmbito internacional, tendo por base dados do PISA⁷ para o ano 2000, encontraram uma correlação positiva entre os resultados dos alunos e os usos educacionais e comunicacionais das TIC em casa (utilização de *e-mail*, consulta de páginas na Internet e posse de *software* educativo em casa), controlando a origem social⁸. Um outro estudo⁹, realizado a propósito de um programa governamental de facilitação do acesso a computadores, destinado a famílias desfavorecidas na Roménia, revelou que a monitorização dos pais, nomeadamente através do estabelecimento de regras positivas em relação ao tempo de estudo, reduzia os efeitos negativos do uso das novas tecnologias nos resultados escolares.

No que concerne ao computador *Magalhães*, não estão ainda disponíveis análises tão sofisticadas como as dos estudos acima referidos para testar o mesmo tipo de efeitos. Mas os resultados anteriores levam-nos a interpelar o papel que a relação entre escola e família poderia ou poderá desempenhar, tanto mais que está em causa um computador portátil que apresenta a peculiaridade de circular entre os dois contextos. Nesse sentido, questionamos: em que medida é que a escola tem procurado enquadrar o uso do computador no trabalho escolar, na escola e em casa, de forma articulada? Tal como que foi denunciado pela Sociologia da Educação nos anos 60/70, através das teorias da

⁶ Estudo disponível em http://www.crinternet.ics.ul.pt/icscrianças/content/documents/relat_cr_int.pdf, consultado pela última vez a 10 de Fevereiro de 2012.

⁷ PISA – Programme for International Student Assessment - Este programa visa avaliar a capacidade dos jovens de 15 anos no uso dos seus conhecimentos, de forma a enfrentarem os desafios da vida real, em vez de simplesmente avaliar o domínio que detêm sobre os conteúdos do seu currículo escolar específico.

⁸ Estudo disponível em <http://bib11.ulb.ac.be:8080/dspace/bitstream/2013/11947/1/ber-0300.pdf>, consultado pela última vez a 10 de Fevereiro de 2012.

⁹ Estudo disponível em <http://www.columbia.edu/~cp2124/papers/computer.pdf>, consultado pela última vez a 10 de Fevereiro de 2012.

reprodução cultural, mais uma vez, a passividade da escola parece deixar espaço para a reprodução social funcionar e ser legitimada.

Em termos práticos, considero que a realização deste projecto foi-me particularmente útil, quer para compreender o que representa a internet para os mais jovens, quer para entender como esta é utilizada (ou poderia ser utilizada) nas escolas. Ao nível das relações interculturais, provavelmente o contributo da internet estará no desenvolvimento da tolerância e capacidade de aceitar o direito à diferença. As críticas que se podem fazer à utilização dos computadores e da internet – salientando o perigo da alienação, a substituição do real pelo virtual, da informação pela comunicação, da ordem pelo caos, do direito à diferença pela uniformização, dos princípios democráticos de acesso à informação pela exclusão dos que ainda não se transformaram em internautas – levantam questões éticas, mas não invalidam nem as pesquisas que possam ser realizadas no ciberespaço, nem os estudos.

BIBLIOGRAFIA

- Abrantes, J. C. (2002). *Os jovens e a internet: Representação, utilização, apropriação* (Relatório final). Lisboa: Centro de Investigação Media e Jornalismo.
- Almeida, Ana Nunes de (coord.), Delicado, Ana e Alves, Nuno de Almeida. (2008). *Relatório Crianças e Internet: usos e representações, a família e a escola*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.
- Almeida, A. N. e Vieira, M. M. (2006). *A escola em Portugal – outros olhares, novos cenários*. Lisboa: ICS.
- Bevort, É. e Bréda, I. (2001). *Les jeunes et l' Internet - Représentations, usages et appropriations*. Centre de Liaison de l'enseignement et des moyens d'information.
- Buckingham, D. (2006). *After the death of childhood. Growing up in the age of the electronic media*. Cambridge : Polity Press.
- Buckingham, D. (2007). *Beyond technology. Children's learning in the age of digital culture*. London: Polity Press.
- Cardoso, G., Espanha, R. e Lapa, T. (2007), *E-Generation : o uso de media por crianças e jovens em Portugal*, Lisboa, CIES-ISCTE.
- Castells, Manuel. (2002-2003) A era da informação: economia, sociedade e cultura, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Clark, W. (2001), « L'utilisation d'Internet chez les enfants et les adolescents », *Statistique Canada*, (n. 11-008), pp. 6-10.
- Empirica (2006): Use of Computers and the Internet in Schools in Europe 2006. Country brief Portugal. Disponível em http://europa.eu.int/information_society/eeurope/i2010/docs/studies/learnind_countrybriefs_pdf.zip
- Eurobarometer nº 248, *Analytical Report: Towards a safer use of the Internet for children in the EU – a parents' perspective*, Brussels: European Commission.
- Facer, K. et. al. (2003). *Screenplay. Children and computing in the home*. London: Routledge.
- GEPE- Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação / Ministério da Educação (2008a). *Modernização Tecnológica das Escolas 2006/07*, Lisboa: GEPE.
- GEPE- Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação / Ministério da Educação (2008b). *Modernização Tecnológica do Ensino em Portugal: Análise de modelos internacionais de referência*, Lisboa: GEPE.
- GEPE- Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação / Ministério da Educação (2008c). *Modernização Tecnológica do Ensino em Portugal: estudo de diagnóstico*, Lisboa: GEPE.
- Harden, J. et al. (2000). "Cant' talk, won't talk?: methodological issues in researching children". *Sociological Research Online*, vol 5 (2).
- Hasebrink, U. et al (2008), *Comparing Children's Online Activities and Risks across Europe: A Preliminary Report Comparing Findings for Poland, Portugal and UK*, EU Kids Online Deliverable D3.1 Preliminary Report: 3-Country comparison.

- Jenks, C. (1992). "Introduction: constituting the child" in C. Jenks (ed.). *The sociology of childhood – essential readings*. Londres: Gregg Revivals, pp.9-27.
- Kennedy, T. et. al. (2008). *Networked families – parents and spouses are using the Internet and cell phones to create "new connectedness" that builds on remote connections and shared internet experiences* (Research Report). Washington: PEW/Internet.
- Lahire, B. (2001). *L'homme pluriel – les ressorts de l' action*. Paris: Nathan.
- Lee, N. (2005). *Childhood and society. Growing up in an age of uncertainty*. Berkshire: Open University Press.
- Lenhart, A. et al (2001). *The Internet and Education: Findings of the Pew Internet & American Life Project*. Disponível http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP_Schools_Report.pdf
- Livingstone, S. (2006). « Drawing conclusions from new media research: Reflections and puzzles regarding children's experience of the Internet », *The Information Society*, nº 22, pp. 219-230.
- Livingstone, S., Bober, M., e Helsper, E. (2005) *Internet literacy among children and young people: findings from the UK Children Go Online project*. Project Report. London: London School of Economics and Political Science.
- Livingstone, S. et. al. (eds.) (2008). *UE Kids on Line. Comparing children's online opportunities and risks across Europe*. London: LSE.
- Livingstone, S., Ponte, C. et. al. (eds.) (2007). *UE Kids on Line. Comparing children's online opportunities and risks across Europe*. A preliminary report comparing findings for Poland, Portugal and the UK. London: LSE.
- Livingstone, S., Bober, M (2005). UK Children Go Online. Final Report of key project findings. London: Media@LSE. Disponível em www.children-go-on-line.net
- Macgill, Alexandra Rankin (2007), *Parent and Teenager Internet Use*, Pew Internet and American Life Project, Data Memo. Disponível em <http://www.pewinternet.org/>
- Normand, S. e Souza, M. B. (2000) « Internet à l'école », in Georges-Louis Baron, Éric Bruillard, Jean-François Lévy (eds.). *Les technologies dans la classe, de l'innovation à l'intégration*, Paris, INRP-EPI, pp. 185-195.
- Ofcom (2008), *Social Networking: A quantitative and qualitative research report into attitudes, behaviours and use*, Research Document. Disponível em <http://www.ofcom.org.uk>
- PIC (2004). *School in the network society. The internet in the area of non-university education*. Barcelona: UOC.
- Piétte, J., Pons, C-M. e Giroux, L. (2007). *Les jeunes et internet: 2006 (appropriation des nouvelles technologies)* - Rapport final de l'enquête menée au Québec, Ministère de la Culture et des Communications, Gouvernement du Québec.
- Ponte, C. e Vieira, N. (2008) "Crianças e internet, riscos e oportunidades. Um desafio para a agenda de pesquisa nacional" in M. L. Martins e M. Pinto (orgs.) *Comunicação e Cidadania – Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, pp. 2732-2741.
- Prout, A. (2005). *The future of childhood*. London, N. York: Routledge Falmer.

- Reia-Baptista, V., Baltazar, N. e Mendes, S. (2006). *Apropriações dos novos media jovens europeus dos 12 aos 18* (Relatório síntese da equipa Portuguesa do Projecto MediaPPro), http://www.esse.ualg.pt/ciccom/Mediapro_Portugal.pdf.
- Renaut, A. (2002). *La libération des enfants. Contribution philosophique à une histoire e l' enfance*. Paris: Calmann-Lévy.
- Sigalés, C. et al (2007). *L'escola a la Societat xarxa: Internet a l'educació primària i secundària*, Informe final de recerca, IN3-UOC.
- Sirota, R. (1998). "L' émergence d'une sociologie de l'enfance: evolution de l' objet, évolution du regard". *Éducation et Société*. (2), pp. 9-33.
- Smith, A. (2007), *Teens and Online Stranger Contact*, Pew Internet and American Life Project, Data Memo. Disponível em <http://www.pewinternet.org/>
- Soares, N. (1998). *Outras infâncias...a situação social das crianças atendidas numa Comissão de Protecção de Menores* (provas de aptidão pedagógica e capacidade científica). Braga: Instituto de Estudos da Criança/Universidade do Minho.
- Steeves, V. e Kerr, I. R. (2005), "Virtual Playgrounds and BuddyBots: A Data-minefield for Tweens". *Canadian Journal of Law and Technology*. Volume 4, No. 2, July 2005, pp. 91-98.
- Valentine, G, Holloway, S. (2004). "Transforming cyberspace. Children's interventions in the new public sphere" in S. Holloway e G. Valentine (eds.). *Children's geographies – playing, living, learning*. London: Routledge, pp.156-173.
- Valentine, G. et. al. (2005). *Children and young people's home use of ICT for educational purposes: the impact of on attainment at key stages 1-4* (Research Report nº 672). Leeds: University of Leeds.
- Viegas, J.M. e Costa, A.F. (orgs.). (1998). *Portugal: que modernidade?*. Oeiras: Celta.

ANEXO 1 – FOLHA DE QUESTIONÁRIO

Olá! Eu chamo-me Sofia e ao responderes ás perguntas que a seguir te vou fazer, vais-me estar a ajudar a fazer os meus trabalhos de casa! Só tens que colocar um "X" á frente daquela que é a tua resposta.

Quantos anos tens?		És...		Em que ano andas?		Tens o computador "Magalhães"?	
7 anos	<input type="checkbox"/>	Menina	<input type="checkbox"/>	3º ano	<input type="checkbox"/>	Sim	<input type="checkbox"/>
8 anos	<input type="checkbox"/>	Menino	<input type="checkbox"/>	5º ano	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
9 anos	<input type="checkbox"/>					Se não tens o "Magalhães" tens outro computador portátil?	
11 anos	<input type="checkbox"/>					Sim	<input type="checkbox"/>
12 anos	<input type="checkbox"/>					Não	<input type="checkbox"/>
Usas o teu "Magalhães" mais vezes para... (escolhe só uma resposta)		Quando vais navegar na internet, o que procuras? (escolhe só uma resposta)				Já utilizaste a internet para te ajudar a estudar ou a fazer os trabalhos da escola?	
Navegar na Internet		Jogos				Sim	
Jogar		Músicas				Não	
Fazer o TPC		Videos				Se respondeste sim, foi para ti mais fácil estudar ou fazer o trabalho consultando a net?	
		Falar com os amigos				Sim	
		Ajuda para fazer os TPC				Não	
Quais são as 2 páginas na internet que mais visitas? (Escreve, por favor, o nome delas)		Achas que com a utilização do "Magalhães" e com a navegação na internet consegues ter melhores notas?				Quantas vezes por semana trazes o teu computador para a escola?	
1)-		Sim				1 vez por semana	
2)-		Não				2 vezes por semana	
						Todos os dias	
Muito obrigada por ajudares a fazer o meu trabalho de casa!							

Curriculum Vitae

Helena Sofia Gomes Calado

Rua Francisco Franco, nº7, 4º Dto. 2745-109 Queluz

+ (351) 967 528 848

calado.hs@gmail.com

18 de Abril de 1976



Experiência Profissional

Desde Agosto de 2003 até á data

ThyssenKrupp Elevadores, S.A.

Técnica de Comunicação

- Responsável por projectar, conceber e implementar o plano anual de comunicação e marketing (interno e externo);
- Planeamento e execução de tarefas associadas às funções de relações públicas e organização de eventos;
- Assessoria de imprensa, coordenação com agências de meios e demais fornecedores;
- Criação e gestão de conteúdos da página institucional na Internet;
- Participação no projecto de criação, implementação e manutenção da intranet, como ferramenta de comunicação interna;
- Responsável pela publicação do boletim informativo e divulgação de e-news;
- Responsável pela criação e manutenção do arquivo de comunicação e marketing;
- Criação e implementação de procedimentos de controlo interno e monitorização da sua eficácia.

Desde Fevereiro de 2001 a Agosto de 2003

Dito e Feito, Lda. – Produção de eventos

Assistente de Produção

- Concepção e produção de eventos de comunicação e marketing;
- Responsável pela orçamentação e apresentação de propostas ao cliente;
- Elaboração de agenda do estúdio de gravação áudio;
- Responsável pela execução de todo o suporte administrativo.

Desde Setembro de 1999 a Fevereiro de 2001

Souto Patuleia, S.A – Comércio de vestuário

Técnica Administrativa

- Responsável pela gestão administrativa da área de franchising;
- Coordenadora na área operacional da abertura dos novos espaço;
- Controlo e gestão de stocks das lojas em sistema de franchising.

Formação Académica

2011

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

- Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE)
- Dissertação em curso

2005

Pós-Graduação em Comunicação e Imagem

- Instituto de Artes Visuais Design e Marketing (IADE)
- Classificação final: 15 valores

2004

Licenciatura em Língua e Cultura Portuguesa – Língua Estrangeira

- Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa
- Classificação final: 12 valores

Formação Complementar

2008

Global Estratégias – Consultoria de Formação e e-learning

- Seminário Plano de Comunicação
- Seminário Redacção de Folhetos

2007

Rumos – Formação e Outsourcing de Informática

- Utilização Avançada de Microsoft Excel XP/2003

Informações Adicionais

- Informática na óptica do utilizador: Windows, Excel, Word, PowerPoint, Access, Web Publisher, Adobe Illustrator;
- Idiomas: Conhecimentos de inglês e castelhano falado e escrito;
- Outras actividades e interesses pessoais; praticante regular de desporto, viagens, comunicação e interacção com outras pessoas e culturas.